ANO 20.º QUARTA-FEIRA, 27 DE NOVEMBRO DE 1940 N.º 6473

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Recortamos, num artigo do marquês de Quintanar publicado em «Domingo», semanario que se publica em Madrid:

—Arde hoje o Continente, dum extremo a outro, mas Portugal e Espanha que já fizeram a sua guerra de três anos—Espanha com as suas tropas valorosas, tão magnificamente conduzidas, e Portugal com o seu esforço diplomatico de liberdade de consciencia e com o sacrificio dos seus dez mil legionarios a perder sangue, como em Las Navas e no Salado, pela empresa comum,—podem encarar confiadamente o porvir. Um porvir de cooperação dualista, em que a formula salvadora de Oliveira Martins, despojada por Sardinha de qualquer confusão, nos abra as estradas universais que um dia descobrimos, a-fim-de que floresçam com nomes peninsulares e cruzes de Cristo.

O marquês de Quintanar, provado amigo de Portugal, reconhece que os dois povos peninsulares têm limites inconfundiveis, razões de existencia propria, permanentes. Dentro desta primaria condição, devem um ao outro auxilio, colaboração e amizade. E' do seu interesse e do seu destino. A Peninsula constitue uma unidade territorial, com dois espiritos e duas consciencias distintas que a historia consagrou.

Quando dizemos unidade territorial não desejamos significar prisão no espaço, mas liberdade de lutar, criar e inventar, dentro duma dada forma geografica.

A Peninsula, nas suas metamorfoses, atingiu duas expressões luminosas, dois genios diferentes, sem serem contrarios, mas, nas suas crises dificeis, carecem de ajudar-se e completar-se, a-fim-de que façam da sua soberania um laço de solidariedade, uma muralha invencivel.

■

A proposito do justissimo e oportuno artigo do nosso ilustre colaborador, sr. dr. João de Barros—artigo que ontem publicámos na primeira página do «Diario de Lisboa»—diz-nos alguem a quem muito prezamos:

—João do Rio foi uma personalidade brilhante que se dedicou á aproximação luso-brasileira, quando quasi ninguem pensava em tal. A sua propaganda, quer no Brasil quer em Portugal, desencadeou aplausos e simpatias, até no meio de certas hostilidades. A ele se deve o grande impulso dum movimento hoje triunfante. Aplaudo, portanto, com entusiasmo, o artigo do sr. dr. João de Barros.

Os mortos passam depressa. As excepções são raras. João do Rio será uma delas, pelo menos emquanto existirem amigos e admiradores que puderam apreciar, além dos seus livros, dos seus artigos e cronicas, a graça e o fulgor do seu espirito cintilante.

■

Falou ontem, pela primeira vez, na Camara dos Comuns, Randolph Churchill, filho de Winston Churchill, que o ouviu com atenção.

Nada mais sabemos.

O primeiro discurso dum jovem parlamentar desperta muita curiosidade, principalmente quando o pai está presente e esse pai conhece o valor da palavra humana e o pêso dos acontecimentos que ela tem de esclarecer e conduzir da treva para a luz.

Que pensou o chefe do governo do novo orador?

Eis o orgulho do pai disfarçado na impassibilidade da Esfinge.

■

Voltamos a insistir num assunto que já versámos—o feriado no dia do encerramento da Exposição do Mundo Português.

Para que o acontecimento tenha o calor e o esplendor requeridos, impõe-se que esse dia seja de jubilo para quantos desejam associar-se a ele.

As glorias da Patria, a obra da Fundação, das Descobertas e da Restauração, carecem duma comunhão geral.

A GUERRA NA EUROPA OCIDENTAL

A cidade do Havre foi evacuada

devido aos constantes ataques da R. A. F.

VICHY, 27. — Os jornais franceses dão pormenores dos estragos causados na região do Havre pelos incessantes e quasi diarios «raids» da aviação britanica e confirmam, por intermedio dos seus correspondentes especiais na referida região, que os aviadores britanicos atingiram directamente com potentes bombas um comboio que transportava munições em Granille, as quais provocaram uma explosão que destruiu 500 casas e causou muitos mortos e feridos.

Os correspondentes dos mesmos jornais dizem: «Os ataques da aviação britanica á região do Havre têm sido tão intensos que a cidade foi novamente evacuada pela população civil que regressara ali depois do armisticio. Setenta mil soldados que ali se encontravam evacuaram tambem a região. Foram completamente destruidas as refinarias de petroleo de Port Gerome, assim como os depositos de combustiveis ali existentes.

Todos os «ferry-boats» que se encontravam no Sena, entre o Havre e Rouen, foram afundados. Desde os primeiros dias de outubro ultimo que toda a região do Havre está a ser regular e sistematicamente bombardeada pela aviação britanica.

O correspondente do «Action Française» comunicou ao seu jornal o seguinte telégrama: «Numa das ultimas noites o «raid» da aviação inglesa durou, pelo menos, cinco horas, durante as quais foram lançadas centenas de bombas altamente explosivas e incendiarias. Foram atingidos o edificio dos Correios e Telegrafos, a Sub-Prefeitura, o Banco de França, o Hospital Normand, estaleiros, quarteis, fabricas e muitas casas. A população civil voltou novamente a evacuar a região do Havre e a estação dos Caminhos de Ferro está repleta de povo, em consequencia de haver apenas poucos comboios para procederem á respectiva evacuação civil. Os estaleiros, fabricas e escritorios da «Chargeus Reunis» foram transferidos para Nantes e Paris, respectivamente. Muitas outras fabricas e escritorios fecharam. As estatisticas oficiais mostram que os Departamentos do Baixo Sena e de Eure sofreram já estragos superiores áqueles que a guerra causou em toda a França.—(United Press).

O ataque inglês a Lorient

LORIENT, 27 — O recente bombardeamento britanico contra este porto provocou a morte de sete pessoas. Em todos os bairros assinalam-se edificios sèriamente danificados.—(Havas).

Ataques da R. A. F. a Bolonha e Dunkerque

LONDRES, 27—O ministerio do Ar informa que os aviadores que tomaram parte no «raid» da aviação britanica realizado no domingo ultimo contra os objectivos militares de Bolonha e de Dunkerque acabam de revelar que foram ali afundadas varias embarcações e que outras ficaram em chamas. Acrescentaram os referidos aviadores que foram destruidos alguns objectivos militares e que outros sofreram grandes estragos, principalmente, os armazens do porto e os depositos de combustiveis e de viveres.—(U. P.).

Ataque da R. A. F. a Berlim

BERLIM, 27—Na noite passada, varios aviões britanicos tentaram atacar a capital do Reich. Devido á acção energica da D. C. A. não conseguiram voar sobre a zona de barragem. Tiveram que retroceder antes de terem alcançado a cidade, depois de terem lançado algumas bombas nos suburbios da capital. Registaram-se apenas poucos estragos em edificios e nos campos.—(D. N. B.).

A R. A. F. atacou tambem o norte da Italia

LONDRES, 27—Durante a noite de ontem para hoje formações da R. A. F. bombardearam objectivos militares no norte da Italia e na Alemanha com inclusão da região de Berlim.—(E. T.).

Os aviões ingleses a caminho de Italia

BERNA, 27 — O Estado Maior do Exercito comunica que, na noite de 26 para 27 do corrente, a Suiça ocidental foi sobrevoada diversas vezes por aviões estrangeiros que voavam a grande altitude. Os aparelhos violaram a neutralidade da Suiça passando a fronteira do Jura em direcção sudeste, e a fronteira do sul em direcção noroeste. A D. C. A. entrou em acção em diversas localidades.—(R. R.).

Alarme aereo na Suiça

BERNA, 27.—Ontem á noite foi dado alarme aereo em Genebra ás 21 e 40 e em Lausana ás 21 e 32.—(D. N. B.).

Comunicado inglês

LONDRES, 27. — *Comunicado do ministerio da Aeronautica:* «Depois do cair da noite de ontem registou-se, durante algumas horas, actividade

(Vêr continuação na 8.ª pagina).

Os milhões que se gastam

A guerra é um sorvedouro que devora milhões, em poucas horas. A Inglaterra faz um esforço financeiro colossal, nunca igualado até hoje, a-fim-de que as suas armas, os seus soldados de terra, ar e mar, bem como a sua população civil, não vejam aparecer diante dos olhos atonitos o espectro aterrador da fome e da ruina.

As declarações feitas por lord Lothian em Nova York foram objecto de interpretações contraditorias: uns viram branco onde outros viram preto. As paixões entraram em jogo e cada uma delas lançou a sua enganosa fumarada. O governo britanico—ou em vez dele, a City e a Imprensa—pôs as coisas no seu verdadeiro ponto: a Inglaterra dispõe de recursos para não mendigar emprestimos, a não ser na medida em que o credito é compativel com a dignidade e a economia dos povos.

Faltam-lhe ou podem faltar-lhe dolares, visto que os provenientes das exportações não serão bastantes para pagar o que compra aos Estados Unidos?

Não é um mal irremediavel, mesmo que a lei Johnson não seja revogada. Cordell Hull já indicou como se torneará a dificuldade. O Imperio britanico, embora não seja inesgotavel, conserva o seu sangue frio habitual:

—A guerra ha-de ir até ao fim, através de barrancos e precipicios.

Eis a disposição em que se encontra John Bull que não quere perder o seu prestigio, valimento e predominio. A-pesar do mal que se diz do outro e da sua primazia, ele continua a imperar soberanamente.

Terminará a sua carreira gloriosa, no fim da guerra?

Não é facil profetizar, numa ocasião, em que os profetas se iludem como os vendedores de elixires. A Inglaterra mantem-se fiel ao velho truismo:

—O dinheiro é o nervo da guerra.

Dinheiro significa o mesmo que ouro. Quem o tiver na mão ou a certeza de o possuir não dorme com pesadelos. A Senhora dos mares que compra e vende, em todas as partes do mundo, graças ao poder vigilante das suas esquadras, previne-se contra as surpresas desagradaveis, sondando os Estados Unidos:

—Posso contar com o teu auxilio, fiando-me pela importancia das compras que fizer nos teus mercados?

Não se trata, evidentemente, dum arrulhar de pombos nem dum dialogo de namorados. Os Estados Unidos não arriscam um dolar sem garantias. Farão pela Inglaterra quanto fôr necessario, mas sem que de tal resulte perda ou dano para a sua fazenda. As boas contas fazem os bons amigos. Os aviões, carros, canhões e munições que fornecerem serão considerados mercadorias como o trigo, o ferro ou as peles. Compadres, sim, mas não prodigos.

Os Estados só apelam para os sentimentos nobres, quando os cofres se esvasiam completamente. A Inglaterra está longe disso. O Pactolo ainda não deixou de correr para Londres. As fontes acusam um copioso caudal.

Será sempre assim?

Geralmente as guerras só acabam, quando um dos combatentes fraqueja e se confessa vencido.

Falta de dinheiro ou de coragem?

Uma e outra coisa conjuntamente. Mas os ingleses não admitem tal perspectiva, Não compreendem que a sua patria venha a curvar-se. E por isso meterão nela, sem hesitações, todo o Imperio.